



TOMO VI Nº 7

Blumenau

em

ca

der

nos

Fábrica de Gaitas

“Alfredo Hering” S. A. Com. e Ind.

Largo Cel Feddersen — Cx. Postal, 115 — End. Tel. “GAITA”
BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

**TRADIÇÃO e QUALIDADE em
GAITAS DE BÔCA e ACORDEÕES**

**PROCURE CONHECER OS NOVOS
MODELOS DE GAITAS E SANFO-
NAS, EM MODERNO ACABAMENTO. —**

BLUMENAU em CADERNOS

TOMO IV



7.º

UMA CARTA DE EDGAR BARRETO

Respondendo a considerações que fizéramos, em artigos na imprensa local, Edgar Barreto, esse blumenauense de apurada sensibilidade e de requintado gôsto literário, escreveu-nos uma carta que, embora certos das censuras do signatário e da sua desaprovação, trazemos para estas páginas. Deveríamos mesmo trazê-la, porque estamos certos de que praticariamos um crime se deixássemos no olvido em nosso arquivo particular uma verdadeira jóia literária e histórica como essa bela e interessante missiva.

Dentre os blumenauenses da atualidade, Edgar Barreto se destaca pelo brilho de uma inteligência esclarecida e, sobretudo, pela vasta cultura de que é dotado. Escreve com tanta correção e suavidade de estilo, que encanta.

A carta, que nos mandou, é uma prova disso. Não nos sentimos, assim, com coragem de arcar com as responsabilidades de privar os nossos amigos da leitura de uma página tão preciosa. Preferimos incorrer na desaprovação do bom amigo. Culpa dêle. Se escrevesse e publicasse muito, não nos obrigaria a furtar-lhe as raras preciosidades que lhe escapam.

Prezado Amigo Ferreira:

Em minha carta anterior, falei de Sérgio Milliet e de suas esporádicas lamentações, numa das quais parecia não vêr outro caminho para fugir aos seus tormentos espirituais, sinão o do suicídio. Logo a seguir, porém, leio outra crôniqûeta, em que ele se mostra ainda bem vivo, bem apegado a esta vida, embora não deixe de renovar seus queixumes.

Sempre tive a impressão de que a Paulicéia não é um meio propício à beletrística. Trata-se, ao meu vêr, de uma questão de mesologia física, digamos geográfico-física e, em parte, étnico-sociológica, em que, naturalmente, se mesclam fatores históricos.

Vivi mais de doze anos em São Paulo e não posso chegar a outra conclusão. Socialmente, o ambiente é frio, nada ou pouco comunicativo, devido a um pronunciado retraimento das diversas raças e isolacionalismo das classes sociais.

Quanto ao ambiente físico, basta dizer que não há nenhum acidente geográfico, nenhuma paisagem capaz de despertar qualquer emoção estética. Quando alguém, entediado pela monotonia cidadina, sai em busca de algo, na natureza circumvizinha, que lhe possa dar alegria á alma e, por exemplo, vá até o alto da chamada "Quitandinha", ficará completamente desiludido: nada mais verá, diante de si, que um vasto casario, a espriar-se por sôbre uma terra ondulada até a fimbria cinzenta de um longínquo horizonte.

O que me espanta é que homens como Sérgio Milliet não se tenham lembrado, ou não tenham tido a necessária força, de desprender-se do meio que lhes é adverso, para radicar-se no Rio de Janeiro, que foi e ainda hoje é o centro intelectual do Brasil, notadamente no que toca á literatura. O apelido "Cidade Maravilhosa" diz tudo. Objetar-me-ão que o primoroso poeta Vicente de Carvalho e o exímio prosador Monteiro Lobato são paulistas. Sim, paulistas são, mas não paulistanos: um é de Santos, outro, de Taubaté. A poesia de Vicente de Carvalho está tôda impregnada dos ares e fascínios literários, e o "Jeca-Tatú", evidentemente, não nasceu da Paulicéia.

E, si se-me disser que outros grandes poetas, como Castro Alves, Fagundes Varela e Alvarez de Azevedo perlustraram as "Velhas Arcadas" paulistanas, responderei, simplesmente, que estes vieram de outras plagas do Brasil e chegaram feitos. Aliás, como boêmios, eram maus estudantes e só viviam para as suas musas, nada aproveitando do curso jurídico. Quando muito, no que respeita á Academia, talvez fôsem capazes de uma dessas diabruras contadas, ao meu tempo, pelo professor Spencer Vampré.

Quando ainda não se conhecia a campainha elétrica, o sinal para o início e encerramento das aulas era dado com um sino dos padres franciscanos, aos quais pertencêra, antigamente, o prédio da Faculdade de Direito.

Certo dia, fálhou o sinal, e um lente mandou o bedel verificar o que havia acontecido. Na volta, o bedel informou indignado:

"Saiba V. Excia. que os estudantes roubaram o badalo do padre!"

Parece-me confirmar minhas conclusões o fato de Luis Martins, escritor carioca, transplantado, já faz algumas dezenas de anos, para São Paulo, produzir as crônicas mais insípidas que já tenho lido, tão insípidas, que não compreendo como "O Estado de São Paulo" pode continuar a publicá-las.

Também não vou muito com as divagações de Guilherme de Almeida em "Eco ao longo dos meus passos". Sei que êle foi, recentemente, consagrado o príncipe dos poetas brasileiros", e, sem dúvida, porque terá produzido poesias de bom quilate. E, já que me falecem qualidades para julgar sua obra, não serei tão imbecil de emitir opinião; mas estou em que a esterilidade do ambiente não é de molde a incentivar-lhe a sensibilidade artística, que, êle assim, perdulariza em futilidades.

Bem, conforme diziam os Escolásticos: "De gustibus et coloribus non est disputandum", e, segundo com outras palavras, repetiu o notável crítico literário e professor da Universidade do Paraná, Wilson Martins, particularmente em relação á poesia: poeta grande, ou não grande, depende da faixa de sensibilidade em que estamos situados (cito-o de memória). Está certo, mas não menos certo é que, afinal, prevalecerá a opinião da maioria dos homens igualmente cultos. De passagem, noto que, como você sabe, os Escolásticos, com sua sentença, apenas, pretendiam consolar os artistas infelizes, e que Wilson Martins, talvez, queira amortecer as iras daqueles que se sintam feridos pela sua sincera e abalizada crítica.

Incidentalmente, por ter mencionado o nome de Wilson Martins, quero, ainda, destacar um fato que lhe granjeou minha admiração definitiva. Ao apreciar a obra de Oswaldo Cabral sobre a chamada "Guerra do Contestado", êle, com muita agudeza, determinou suas verdadeiras causas, refutando a opinião do autor da obra. Digo isto com conhecimento de causa, porque estive em Curitiba, na qualidade de Promotor Público, na última fase do "Fanatismo" e ouvi testemunhos de muita gente, simpatizantes, não simpatizantes e neutros (êstes, muito poucos, em vista da política daqueles tempos).

Nas suas origens, nada tinha que ver, nem jamais teve que ver, com a questão de limites entre Paraná e Sta. Catarina. Foi um movimento puramente místico-religioso, criado por um espertalhão que se intitulava o "monje João Maria", um milagreiro; movimento que, influenciado posteriormente por elementos da oposição ao Cel. Francisco Ferreira de Albuquerque, assumiu feição política, nitidamente política, tanto assim que, no incêndio da Vila de Curitiba, somente foram atingidas as casas de Albuquerque e seus amigos.

Durante minha estadia em Curitiba, deu-se um episódio interessante. Em dada manhã, me aparece, no escritório, o sub-delegado de Polícia, acompanhado do escrivão do Crime, para me comunicar que, perto da Vila, á distância de uma légua, se estava formando um novo ajuntamento ilícito numa fazendola, o qual já teria atraído, junto a uma fonte considerada milagrosa, cerca de cinquenta pessoas.

Achei que devíamos sufocar o movimento logo no nascedouro e saímos, os três, a pé, em direção á fazendola. Chegados á casa do fazendeiro, que possuía um botequim, e, parece-me, alguns quartos para hospedes, disseram-nos que o novo monje estava almoçando. Resolvemos proceder com muita cautela, para não provocar suspeitas e não afugentar o milagreiro. Dei uma espiada pela porta da sala de jantar e vi um barbaça, de cabelos longos, sentado á mesa, em pleno trabalho de mastigação, com um copázio de cachaça e açúcar a seu lado. Pedi uma cerveja e ficamos palestrando no botequim, á espera do que desse e viesse.

Senão quando, o monje aparece no boteco, e, sem mais preâmbulos, deita o verbo:

“Meus senhores! Antigamente havia dois partidos, os veranistas e os invernistas...”

Interrompi-o logo: “Conheço nossa História, mas nunca ouvi falar em tais partidos”. Ao que êle replicou: “Menino, isto tu não sabes”.

Era, como se vê, um homem destemido, mais palavroso do que própria-mente arrogante, e aparentemente convencido de santidade e seus poderes sobrenaturais. Quando se-lhe deu voz de prisão, calmamente buscou sua trouxa, pô-la num pau, que levou ao hombro esquerdo, e, por sua vez, deu suas ordens:

“Meninos, vão pela frente, que eu vou atrás”!

Depois de momentânea hesitação, eu disse: “Bem, que seja”, pois já estava intimamente persuadido de que não tratava de um bandido. E, assim, obedecemos ás suas ordens, em consonância com nossa incontrastável autoridade. Chegamos á Vila sem incidentes, e o santo foi recolhido ao xadrêz, com a advertência de que, caso não se retirasse de Curitiba após 24 horas, voltaria a seu encarcerado e isso tantas vezes quantas julgássemos necessário.

Embora, na cadeia, o homem continuasse suas prédicas diante de alguns curiosos e do próprio delegado, declarando, ainda, que o iniciador do então extinto movimento dos “Fanáticos”, fôra um impostor, um falso João Maria, e não o verdadeiro monje dêsse nome (intenção sua: insinuar-se como o tal), no dia seguinte, uma vez solto, peneirou e nunca mais voltou. E não houve outras consequências, a não ser, para mim, a de ter granjeado o ódio da mulher do hotel onde, antes, tomava minhas refeições. Explica-se: era ela filha do fazendeiro que albergára o monje e em cujas terras se achava a fonte milagrosa, duplamente milagrosa: dava renda ao milagreiro e ao fazendeiro albergueiro. Além disso, parecia-me ela já empoçada pela falácia mística do messias de Taquaras — (Rio Grande do Sul).

Confesso que, passado o evento, pessoalmente, quase lamentei meu aco-damento, porque, pensei, talvez fôsse aconselhável, primeiro, assistir a algumas reuniões dos crentes com o messias, para estudos psicológicos, e agir quando julgasse mais oportuno. Entretanto, não havia, naquele tempo, juiz togado no lugar (o Dr. Abry fôra transferido para Mafra) e o poder judiciário repousava nas minhas costas, já que o juiz leigo nada fazia sem me consultar, de modo que, atenta a lição da história recente e no interesse geral, era meu dever agir com a máxima presteza. E apraz-me dizer que foi acertado, de vez que, assim, não ocorreu nenhum distúrbio, eventualmente prejudicial á população e oneroso para o Estado.

Esqueci-me de mencionar, para illustração da incrível e, quiçá, perigosa ingenuidade do povo, que a mulher do hoteleiro, a que me referi mais acima, afirmára: “Este monje é um santo e, si prêso, sai através das paredes da cadeia”.

Fatos de maior gravidade ou, antes, de suma gravidade ocorreram quase no fim de minha gestão na Promotoria Pública: o assassinato do Cel. Albuquerque e uma tentativa de assalto á Vila de Curitiba por elementos da já mencionada opposição.

Quando Albuquerque se achava na fazenda de um amigo, para tratar de uma “ponta de animais” (é o termo usado pelos serranos para uma tropa de cavalaes ou muares), que comprara em Vacaria, do Rio Grande, se-lhe preparada uma tocaia (emboscada) para quando voltasse. Vinha êle acompanhado de um filho menor, de nome Lourival, e tombou da montaria varado por uma bala “Winchester”, que lhe atravessou o torax, á altura do coração, obliquamente, da direita para a esquerda. Não sei si posso afirmar que escapei

de ter igual sorte. Em todo o caso, verdade é que Albuquerque me convidara a passar com êle uns 15 dias na dita fazenda, convite que declinei sob pretexto de andar muito atarefado, quando, na realidade, o que me demoveu foi o receio de me entediar naquelas solidões, que já conhecia de passagem. E, uma vez que, na qualidade de promotor, havia processado muitos jagunços, elementos que, todos, se filiavam á opposição, parece-me que minha conjectura seja bastante fundada.

Dias mais tarde, a população da Vila foi alvoroçada pela notícia de que um grande bando armado estaria vindo em direção da Vila. Visto que tínhamos, fóra da Vila, em duas fazendas, desde a morte de Albuquerque, uns três piquetes de paisanos munidos de carabinas (estas nos haviam sido confiadas pelo nosso ilustre conterrâneo, leal e bondosíssimo amigo, naquela época ainda capitão do Exército, Vieira da Rosa), despachamos mensageiros áquelas fazendas e resolvemos defender a Vila. Conseguimos reunir uns 50 homens da localidade, armados de trabucos de variada espécie. Eu mesmo obtive um trabuco de grosso calibre, com 12 cartuchos. Muitas mulheres e crianças fugiram para as matas vizinhas.

Lembro-me de que eram passadas as quatro horas e me achava á mesa do jantar, quando Evaristo Nunes, o hoteleiro, me pôs a arma e munição sobre a mesa. Vendo-me com garfo e faca na mão, ele exclama: "Mas, como! você ainda come!?"

"Porque não?" respondi. "Si, porventura, tiver de morrer, pelo menos morrerei de barriga cheia".

Passamos tôda a noite sem dormir, patrulhando a Vila em todas as direções, principalmente na zona norte, por onde era provável que penetrasse o inimigo. A certa hora, ouvimos o detonar de carabinas e, quando acorremos a ponto onde presumíamos terem sido dados os disparos, informaram-nos que os cinco soldados da Policia ali postados, divisando um vulto nas proximidades, o tomaram por algum inimigo e abriram fuzilaria. Constatou-se, porém, logo em seguida, que se tratava de uma vaca.

Quando raiou a madrugada, soubemos que o bando não estaria para chegar. Concluiu-se que o grupo armado, visto pelo morador da Vila que viera do Interior, fazia parte de uma concentração de forças que se operava nas recondeszas da fazenda de Henrique de Almeida, chefe da opposição. E, com efeito, decorridos mais alguns dias, numa madrugada, aprestaram-se as hostes do assalto e vieram em marcha contra a Vila.

Na véspera e durante tôda a noite, reinava, na Vila, a mais doce tranquillidade e um silêncio profundo. Ninguém suspeitava de nada. Mas nossos piquetes estavam de atalaia e muito bem informados. Dest'arte, no correr da noite, vindo por atalhos, para não serem descobertos pelo inimigo, se concentraram num morrete, a 12 km de distância da Vila. No caminho, de passagem pela fazenda de João Sampaio, ás seis horas da manhã, surpreenderam esse fazendeiro, com um filho de 16 anos e um agregado no ato de carnear para a churrascada com que os iivadores pretendiam festejar o triunfo de suas armas. O filho e o agregado foram presos, mas o velho barbudo mergulhou num vassoural (arbustos de que se faziam vassouras para limpeza de pátios ou aterrados) e não pôde mais ser encontrado.

Só de manhã, pelas sete horas, ao levantar-me, é que tive notícias do que estava acontecendo. Fui tomar meu costumeiro banho diário num lagoado de água puríssima, que ficava a quilometro e meio da Vila e voltei para tomar meu café. Apareceu o amigo Evaristo e, outra vez, me observou: "Que diabo, Barreto, você não possui nem um canivete para se defender, e se me te nesses matos".

"Ora Evaristo", readargui, "não preciso de canivete, porque nossos piquetes estão aí".

Realmente, estava perfeitamente tranqüilo, por isso que conhecia o valor de nossos defensores, já tantas vezes comprovado na campanha contra os fanáticos. Si bem nossos piquetes somassem, apenas, uns 60 homens, contra 120 dos inimigos, tinham a seu favor, além da qualidade de bem aguerridos e valentes, a vantagem do alcance de suas armas: 4 km contra 2 da "Winchester" inimiga.

Após ansiosa espera, afinal, perto de meio-dia, surge, dos lados do cemitério, uma cavalgada de cerca de 30 homens, chapéus de barbicacho, cara-

bina a tiracolo. Semblantes que, à primeira vista, se-me antolhavam sinistros, duros como aço, mas, horas depois, em contacto pessoal mais íntimo, se desanuviaram, espelhando, então, a de mim, já bem conhecida bondade do povo serrano.

O resultado do entrevero foi o que, logicamente, se previa: os invasores, que nem sequer suspeitavam de qualquer resistência, foram surpreendidos por cerrado fogo, a que não lhes era dado reagir, devido ao mínguido alcance de suas armas. Em consequência, é o que me contaram, os atacantes se esparramaram pelas matas adjacentes, que, como tôdas as matas, sabidamente, não podiam deixar de ser boa cobertura.

Si houve mortos, não sei. Ninguém me contou. Quando indaguei, a um dos chefes de piquete, onde estava o filho de João Sampaio, por êles aprisionado, apenas me respondeu: "Passou-se".

Fiquei intrigado com a estranha resposta, mas desisti de mais indagações. Logo, porém, que se iniciára o inquérito e o capitão Delegado de Polícia me convidara para dirigi-lo, vim a saber o que a resposta significava. Ao interrogar o agregado de Sampaio a respeito do paradeiro do filho dêste, o mesmo começou a contorcer-se e a tartamudear, e alguém, chamando-me para um quarto lateral, confidenciou: "O filho de Sampaio foi fuzilado por ordem do delegado. Não convém, pois, insistir na pergunta".

Meu interesse na pergunta residia em que o filho de Sampaio fôra um dos integrantes da tocáia contra Albuquerque e, assim, poderia ser uma valiosa fonte de informações quanto aos seus comparsas e autores intelectuais.

Em face de tão grave revelação, recusei minha ulterior participação nesse inquérito, resolução essa tanto mais justificável quanto, àquela hora, o Governador do Estado, General Felipe Schmidt, já havia determinado a expedição de um destacamento policial de 50 praças, sob as ordens do então Chefe de Polícia, Dr. João da Silva Medeiros, para Curitiba. Além disso, já sabia que se cogitava de minha dispensa (eu era apenas promotor interino, si bem com exercício efetivo de mais de 2 anos) e nomeação para o cargo de lente da Escola Complementar "Lauro Mueller", de Florianópolis, aliás, uma permuta agradável e com os mesmos vencimentos.

Para encerrar esta minha longa e, certamente, fastidiosa digressão, devo acrescentar que, em virtude de intrigas políticas, o Governo do Estado, com suas atitudes vacilantes, alguma culpa teve nos acontecimentos. Embora, oficialmente, reconhecesse o Cel. Albuquerque como "Chefe Político", os seus pendores iam para Henrique de Almeida e sua gente. Aquêlê era considerado um déspota e êste, um anjo tutelar de um pobre povo oprimido. No decurso de tôca a minha estadia naquele lugar, jamais pude constatar um ato de opressão. O que êle queria, era ordem e nada mais.

Como amostra dêsses pendores, citarei, dentre outros, o seguinte fato: Por ocasião da primeira ameaça de invasão da Vila, telegrafei ao Procurador Geral do Estado, pedindo providências. Nada se fêz. Pelo contrário, pouco depois, me telegrafou, solicitando minha interferência no sentido de vedar a formação de piquetes. Está clarissimo que se referia a piquetes dos amigos do falecido Albuquerque, porquanto bem sabia que os da opposição escapavam ao meu contrôle. Um tanto revoltado, respondi: "Infelizmente, não posso ser contrário idéia formação piquetes, porque estes redundam garantia autoridades que o Estado não dá".

Todavia os resultados do inquérito, presidido pelo eminente e austero Dr. Silva Medeiros, foram bem outros, bem diferentes do que o Governo possivelmente supunha. Até o Dr. Henrique Rupp Jor. surgiu como indiciado, em consequência de suas conhecidas e íntimas ligações com Henrique de Almeida, particularmente, por um telegrama encontrado na Agência Telegráfica local (arquivo) e concebido, mais ou menos, nestes termos: "A *ultima ratio* de um povo oprimido é a bala". Evidentemente, uma cópia da máxima do cardeal Richelieu: "O canhão é a *ultima ratio regum*".

Não me abalanco a dizer que Rupp, realmente, sugerisse uma tal violência, mas indubitável é que suas palavras poderiam ser, como foram, tomadas ao pé da letra pelo destinatário. Donde o assassinato de Albuquerque e a tentativa de assalto à Vila.

Um último éco, como que o epilogo de tanto drama, me veio aos ouvidos, anos mais tarde, quando já me achava em S. Paulo, para concluir meu cur-

so acadêmico. Foi o assassinio de Henrique de Almeida, ocorrido numa noite em que êle se retirava de um salão de festas. Desconheço detalhes. Entretanto quero crer que, apesar de tardio, fôsse um ato de talião, vingador da morte de Albuquerque.

Fechando o parêntese, não sei, agora, como prosseguir no tema que, de entrada, me propus, e, a fim de não arriscar-me a maiores bestidades num campo em que sou muito bisonho, deixarei de abordar o romantismo paulista (que julgo, igualmente, pobre), indo, logo, ao anverso da medalha.

E devo acentuar que, no que disse, não vai nenhuma ogeriza aos paulistanos. Admiro-os como quem quer que mais os admire, e me dei perfeitamente bem em S. Paulo. Depois, si "nem só de pão a gente vive", muito menos, só de poesia e romance. "Primum vivere, deinde philosophari".

Mais pragmáticos e utilitários, criaram a maior potência econômica do Brasil e o maior parque industrial entre todos os países ibero-americanos. E, demais disso, ninguém porá em dúvida que, em S. Paulo, nasceram ou se formaram notáveis estadistas, juristas e sumidades de nosso mundo científico, em geral. Para não esquecer matéria de minha predileção, ouso opinar que a Gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira, um paulistano, seja, na sua classe, a melhor do país. Digo: na sua classe, porque, dentre as analíticas, para não já falar de gramáticas históricas, a melhor obra que já vi, foi a de um francês, do Cantão de Vaud (Suíça), de nome Charles Adrien Grivet, que, durante muitos anos, exerceu o magistério no Rio de Janeiro, onde faleceu.

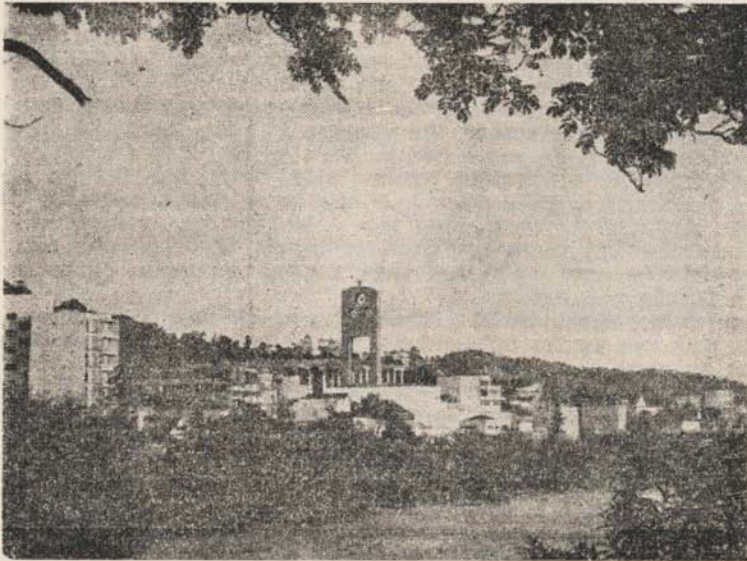
Ora bolas! para onde me levou o estranho Sérgio Milliet! Um homem que, quando vai espaiar numa das praias de Santos, só fala de cães, repetindo, de quando em vez, sua descoberta de que o Deus do canídeo doméstico é o homem. Quizesse êle, ao menos, produzir um poema como "O Fiel", de Guerra Junqueiro.

Pedindo queira revelar-me a caceteação, com um cordial abraço, me subscrevo

conterrâneo admirador

E. Barreto.

—*~*~*—



Um interessante ângulo de Blumenau, vendo-se a matriz de São Paulo Apóstolo, com a monumental torre.

VIDA DE COLONO

No ano de 1855, imigrou em Blumenau um colono de nome João Augusto Prestien que adquiriu um lote em Fortaleza-Carolina (Karolinastrasse), onde passou a residir.

Esse colono, em sua Pátria, era arrendatário de terras em Rothenhausen, Lübeck.

Aqui chegando, como muitos outros dos seus patrícios que imigraram sem propósitos de viver aventuras ou fazer fortuna, mas o de encontrarem um lugar onde pudessem viver como donos das suas terras, trabalhando livremente, ficou maravilhado com a natureza do Vale do Itajaí e previu o futuro que estas terras poderiam ter, colonizadas por patrícios seus, operosos e honestos.

Resolveu, em 1858, escrever um livro dando as suas impressões, opiniões e conselhos muito interessantes aos que quizessem emigrar para cá.

Sendo de grande interesse para a história da colonização desta região catarinense, damos, a seguir, a tradução do prefácio do livrinho, que foi publicado em Rudolstadt, em 1859:

“Eu escrevi”, começa o sr. Prestien, “as seguintes páginas, não para encher as horas de ócio dos outros, nem por vaidade, nem para fazer nome ou dinheiro e muito menos para fazer prosélitos. Fi-lo, sim, para afinal dizer uma palavra sensata e verdadeira, entre as muitas opiniões e notícias dos jornais, a respeito da vida do colono aqui.

Eu as escrevi inspirado pelos altos sentimentos da minha própria felicidade e talvez também mostrar aos outros que, como comigo também acontecera, sofrem ainda os pesados onus da adaptação, a maneira fácil de livrarem-se deles, seguindo o caminho que lhes aponto.

Eu as escrevi para vocês, pais de família que olham com pena o grande número de seus filhos por não estarem, como comigo também acontecia, em condições de poderem alimentá-los devidamente.

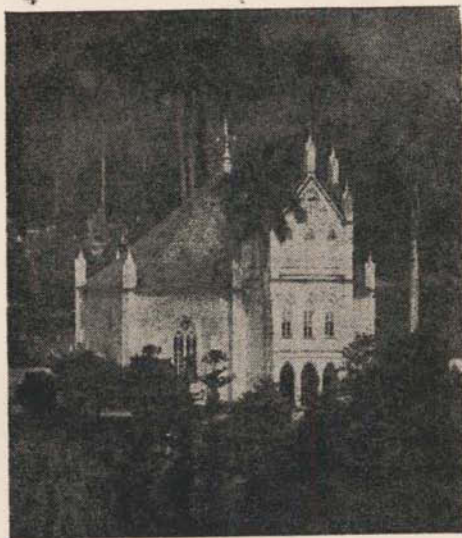
Para vocês, arrendatários de terras de custosas aluguéis que, co no também comigo acontecia, vêem escoar-se as melhores forças e os melhores anos de suas vidas, gastam dinheiro inútilmente, atrasando-se de ano para ano, consumindo-se com as suas famílias, para, afinal, quando não estiverem mais em condições de pagar o aluguel, serem despejados sumariamente.

Se ainda fôr tempo, e se ainda puderem salvar os meios para vir para cá, decidam-se de uma vez e venham, que não se arrependerão.

O que para vocês aí é uma grande carga, a prole numerosa, será aqui a maior benção e certamente não poderão prover-lhes melhor o futuro do que trazê-los para cá.

Aqui vocês não terão mais cuidados e, no suor do seu trabalho, encontrarão novamente a alegria e a felicidade e quando a velhice vier, podem vocês descansar no ocaso de sua vida, sem as preocupações naturais pelo futuro dos seus descendentes.

Mas eu as escrevi também para vós, jovens da minha pátria que cheios de entusiasmo e com bons meios, entraís na luta pela vida, na dura competição com os vossos semelhantes, para alertar-vos para que



O templo evangélico de Blumenau, situado num dos mais aprazíveis recantos da cidade foi inaugurado em 1876. Foi projetado e construído pelo engenheiro arquiteto Henrique Krohberger, que também idealizou a igreja matriz católica que foi demolida para dar lugar ao atual templo.

não vos deixeis arrastar pelos inúmeros redemoinhos com que vos deparareis e que já têm tragado muitos de vós. Ah! também eu entrei na luta pela vida cheio de entusiasmo e de esperanças e, apesar dos embates sustentados para melhorar de sorte, não encontrei senão aborrecimentos e tristezas.

Se não tiverdes aí, na Alemanha, algum projeto ou proposta vantajosa em vista, não empregueis as vossas economias em qualquer outro meio de vida. Muitos aí caíram em verdadeiras arapucas; muitos foram espoliados, outros estão próximos ao completo esgotamento. Aqui, porém, tudo corre limpo e claro, rico e saudável.

Por fim, eu escrevi-as para vós, prezados patrícios e colegas, que ansiais por possuir uma pequena propriedade e não tendes os meios necessários para isso e nem para começar aí na velha Pátria algo de seguro. Vinde, sem grandes hesitações, para cá e eu vos asseguro que não vos arrependereis.

Eu sei que vocês aí pagam mais de aluguel por um alqueire de terra do que aqui pagariam por dez alqueires de terra tão boa como a daí. Aí, um alqueire de terra vos dará apenas uma colheita por ano e aqui, na mesma quantidade de terra vocês podem ter três colheitas por ano.

Naturalmente, o terreno aqui ainda está coberto de mata virgem, que deveis primeiro renovar. Mesmo assim, já no primeiro semestre podereis contar com uma colheita e depois é só plantar e colher sem pagar qualquer impôsto ou arrendamento.

Pudesse eu contar, meus caros patrícios e colegas de profissão, que o meu conselho e o meu sincero apêlo não fôsem levados pelos ventos mas que fôsem considerados e seguidos!

Eu vos asseguro mais uma vez: Jamais vós vos arrependereis.

Johan August Prestien

A GUARDA CÍVICA DE BLUMENAU

Fides DEEKE

O presente trabalho é tradução de parte das "Memórias" do ex-Tabelião e escrivão de Orfãos de Blumenau e se refere à sua participação nos acontecimentos de 1893, em que Blumenau teve destacada atuação. Essas memórias foram traduzidas por D. Cristina Deeke Barreto, nossa esforçada colaboradora e a quem os "Cadernos" já devem valiosíssima contribuição. O trabalho de Fides Deeke é de grande interesse para o estudo de uma das épocas de maior agitação política em Blumenau.

Já fazia algum tempo que não se ouvia mais falar em planos de revolução. Todos estavam, se não contentes, pelo menos satisfeitos com a calma, pois, após dezoito meses de sobressaltos e continuos imprevistos, quem é que não almejava viver em paz?

Foi o que se deu com os blumenauenses. Depois de terem lutado durante tanto tempo pelos seus direitos, e, embora vencendo sempre, e a vitória não lhes fôsse de nenhum proveito, não tendo desfrutado, sendo eles os vencedores, das consequentes vantagens, com exceção da última eleição para a composição da Câmara Municipal — todos regozijaram-se com o temporário armistício político.

O sossêgo, entretanto, foi de pouca duração. Inesperadamente, chegou a notícia de que fôra obtida a licença para a formação de uma Guarda Cívica em Blumenau, constituída de duzentos elementos.

Em 13 de julho de 1893 chegaram a Blumenau, em companhia do Dr. Victorino de Paula Ramos, político de grande prestígio entre a população local, um instrutor, Tnte. C. A. Camisão — oficial muito conhecido e 12 soldados profissionais, no pequeno vapôr "JAN", trazendo 20 espingardas militares e a respectiva munição.

Isto é, aqui eles não chegaram no "JAN", mas sim no vapôr "PROGRESSO". Em Destêrro eles haviam embarcado naquêlo navio, o qual, durante uma noite de densa cerração, foi de encontro à costa, atolando nas areias de Praia Brava, perto de Itajaí, para onde as armas haviam sido transportadas então, em carros de boi. Tem-se como certo que o acidente do "JAN" fôra proposital, e o comandante do mesmo teria sido subornado pelos federalistas em Destêrro. Sua primeira ordem, ao transcorrer o acidente, foi:— "Todas as armas serão jogadas imediatamente ao mar"!

O Dr. Paula Ramos, entretanto, o enfrentou e disse, que antes lhe daria um tiro, se consentisse que essa ordem fôsse obedecida. Assim as armas foram salvas e, como já foi dito, chegaram a Blumenau.

Aqui convocou-se o povo, para proteger as armas de um eventual assalto pela polícia, orientado pelos federalistas.

Poucas pessoas, entretanto, atenderam ao apêlo.

Certamente a maioria opinou, como eu, estranhando necessitar o Governo Central da proteção de civis, para garantir os seus empreendimentos militares, devendo recluir até a polícia de um Estado minúsculo como o nosso.

As armas foram guardadas no edificio da Câmara Municipal, onde aquartelaram-se também os officiaes e as 12 praças.

Antes comparecera, muitas vêzes, grande massa popular, disposta a lutar pelos seus direitos e a manutenção da legalidade. Faltaram, então, as armas e a orientação necessária. Agora, que as armas chegaram, não havia mais gente e entusiasmo em tôrno da finalidade.

Mandaram-se, em seguida, emissários ao interior da colônia, com intuito de convocar elementos para assentar praça.

Muitos daquêles que haviam-se vangloriado que trariam dezenas de pessoas para servir a causa justa, não encontraram de início, um único homem que fôsse, disposto a abandonar a família e o trabalho, para marchar contra Destêrro e o governo ilegal. Pessoas, consideradas de grande influência, revelaram-se agora despidos de prestígio.

Aos poucos, entretanto, conseguiu-se formar uma milícia apreciável.

A 14 de julho de 1893, chegara a notícia de que, em Tijuca, rebentara a revolução, e de que foram demitidos os falsos membros do Conselho Municipal, como as demais autoridades, impostas pelo ilegal governo estadual, e substituídas, em seguida, por outras pessoas aclamadas pelo povo.

Minutos depois da chegada dêste comunicado, seguiu Blumenau êste exemplo. Os edis da Câmara Municipal, eleitos pelo povo, foram mantidos, naturalmente. A policia prometeu ficar neutra e cooperar com os vencedores, os representantes do partido legal. Haviam fugido, entretanto, os membros da mesma policia, na manhã seguinte. As demais autoridades entregaram os cargos, ocupados, a seguir, por elementos legalistas, — até o tabelião! (Fides Deeke, tabelião vitalício, fôra demitido, pelo governo Federalista, e substituído por um correligionário que, agora, devolvia, também, o cargo! — CDB).

Esta história ocorreu aqui, como em todos os demais municípios de Santa Catarina, sem o emprêgo de armas!

Dias depois, proclamou o Diretório do Partido Republicano (os legalistas) de Destêro, o Dr. Hercílio Pedro da Luz a governador do Estado, e, provisoriamente, a vila de Blumenau como capital de Santa Catarina.

O Dr. Hercílio chegou aqui a 21 de julho de 1893, onde prestou juramento no dia seguinte, assumindo o cargo, assinando logo diversos decretos.

A organização da Guarda Civil estava progredindo, contando já com cem (100) milicianos, mais ou menos; homens novos e solteiros, na sua maioria.

O nosso comandante recebeu ordens de apoiar e garantir o Governo do Dr. Hercílio Luz, sob todos os pontos de vista.

Para combater êste governo revolucionário, dirigiu-se a cavalaria policial do governador ilegal, Machado, primeiro a Tijuca. Parou aí, cêrca de seis quilômetros de distância da séde, sem ânimo para o ataque, batendo depois em retirada, a pedido dos próprios federalistas tijucanos. No primeiro avanço, um dos cavalarianos havia tido o azar de matar o seu cavalo, ao efetuar o carregamento de sua arma. Êste acidente, interpretado como de "inau agouro", havia impressionado o piquete de tal maneira, que quase todos os cavalarianos caíram em choro. Fizeram uma "vaquinha" adquirindo outro animal para o companheiro, e tocaram de volta a Destêro.

Eliseu, vice-presidente do Estado, mandou-os, entretanto, imediatamente de volta a Tijuca, dando-lhes um reforço de cem infantes.

Ocuparam, agora, a séde daquêle município, negando-se, entretanto, as autoridades federalistas, a reassumirem os cargos. Os seus substitutos, os legalistas, os aclamados pelo povo, retraíram-se também durante a estada aí, do contingente militar, reassumindo logo após a partida do mesmo.

Chegara aqui, já por diversas vêzes, a ordem convocando a Guarda Cívica de Blumenau a Destêro.

A expectativa tornara-se, assim, excitante em Blumenau, provocando errôneas ordens de alarme.

Assim, num domingo à noite, durante um espetáculo teatral no Salão Holetz, ouviu-se, inesperadamente, o estalo forte de um tiro, seguido por dois outros, acompanhados de detonações de outros tiros de espingardas.

O pânico foi grande! Os membros da Guarda Civil haviam sido instruídos a comparecerem ao sinal da detonação de três tiros, no quartel de comando, estabelecido na séde dos Atiradores.

Como nós possuíamos canhões, e os estampidos fortes não tivessem sido de tiros de espingarda, era evidente que devia ter-se tratado de bombas.

Os milicianos da Guarda Cívica, como os da Guarda Municipal, e ainda outros muitos cidadãos armados, puseram-se de prontidão com incrível rapidez!

Soube-se então, que um brincalhão da Guarda Cívica, de nome João Maus, executava a façanha sob ordem superior, para experimentar a bravura dos milicianos, e dos blumenauenses em geral, tendo detonado, assim, três poderosas bombas de dinamite no "Morro do Aipim".

O resultado da demonstração foi mais do que satisfatório, e sob "hurras!" de entusiasmo recolheram-se os defensores aprovados aos respectivos lares e casernas.

Quem sofreu o prejuízo, foi a empresa teatral. Os espectadores haviam-se dispersado, e o espetáculo não pôde realizar-se. Foi obrigada, ainda a Companhia a devolver o dinheiro das entradas.

Dias depois, as sentinelas do bairro "Vorstadt" (Rua Itajai e adjacências) deram o sinal de alarme. Veio a notícia de que os "Tucanos" estavam chegando, já se encontrando às portas da cidade.

Todos correram aos quartéis, estando com rapidez a postos, tendo ocupado os pontos estratégicos das ruas e colinas.

Chegando mais perto, entretanto, o suposto piquete de Tucanos, revelou-se ser um grupo de operários do Telégrafo, voltando do serviço nas respectivas linhas, com as suas ferramentas sobre o ombro, e na companhia casual de outros transeuntes.

São estas ocorrências inevitáveis em tempos de revolução, mas no caso de Blumenau, contribuíram estes fatos para alertar a fleugma da população teuta.



Fides Deeke, autor destas notas sobre a Revolução de 1893, ou mais propriamente, sobre a deposição de Eliseu Guilherme da Silva, presidente em exercício do Estado de Santa Catarina, pelas forças da Guarda Cívica de blumenauenses, nasceu em BRUSQUE a 7 de dezembro de 1863 e faleceu no Rio de Janeiro, de um colapso, em 5 de setembro de 1929.

Era filho de Frederico Deeke, imigrado em 1856 e de sua esposa Cristiana Krohberger. Fêz seus estudos em Blumenau, sendo nomeado escrivão do registro civil e, posteriormente, Tabelião e escrivão de órfãos e Ausentes. Durante a Monarquia, militou no Partido Conservador e, na República era legalista, ou republicano. Durante a revolução de 1893, tomou parte ativa nos episódios relacionados com a deposição do Governador Eliseu Guilherme da Silva. Com a ocupação de Blumenau pelas forças federalistas, acompanhou as tropas de Pinheiro Machado de regresso ao Rio Grande, lá permanecendo por algum

tempo. A respeito desses episódios escreveu algumas memórias que daremos à publicação em números sucessivos deste periódico, graças à boa vontade da nossa incansável colaboradora, sua sobrinha, Dona Cristiana Deeke Barreto.

O governo republicano conferiu-lhe o título de capitão honorário do Exército. Tendo cegado nos últimos meses de sua vida, tentou seguir para a Alemanha, onde deveria sofrer uma operação cirúrgica. No Rio de Janeiro, porém, faleceu. Seu corpo, embalsamado, foi transferido para Blumenau, onde foi inhumado.

Foi um cidadão prestimoso, funcionário exemplar e excelente pai de família. Seu nome figura entre os que prestaram assinalados serviços a Blumenau.

Os nossos homens de influência, como Feddersen, Renaux, Abry, Rischbieter e outros, começaram agora a apoiar a idéia da partida da Guarda Cívica para Destêrro, declarando haver possibilidades de defesa por parte dos blumenauenses no caso de um ataque federalista, mesmo sem a presença da milícia.

Assim aconteceu que, inesperadamente, a 24 de julho de 1893, decidiu-se a viagem para Destêrro, via terrestre, ainda naquêle mesmo dia na qual o nosso Governador Dr. Hercílio acompanhar-nos-ia.

A nossa milícia foi uma organização muito bonita, mas infelizmente não sem falhas. A maior delas, entretanto, não foi a falta de comando e, sim, a abundância de dirigentes. Cada um deles pensou e determinou as coisas de forma diferente.

Assim, das 18 carroças que seriam necessárias para o transporte do nosso contingente, só compareceram, na hora da partida, apenas seis, ás nove horas da noite.

Estas partiram então até Gaspar, onde esperou-se o resto da guarda, chegando em doze carroças ás 11 horas, mais ou menos, do dia seguinte. De lá partimos para Brusque, onde a vanguarda chegou à hora do escurecer. Paramos a pouca distância da Vila, para esperar a chegada de todas as carroças, das quais as últimas só chegariam umas duas horas depois.

Apareceu pouco mais tarde, um mensageiro montado Sr. Olinger, de Brusque, participando que o contingente do tenente Machado, constituído de 150 homens, acabava de chegar ali.

Formamos, às pressas, faltando um terço, mais ou menos, ainda da nossa milícia. Após rápidas considerações e instruções, veio a ordem de marchar. A primeira companhia seguiu em direção a Gaspar; o resto entrou na fila e ocupou o Hotel Krueger, onde segundo informação recebida, estariam hospedados os oficiais da Fôrça Machadista. Na busca que demos no estabelecimento verificou-se que estes haviam fugido.

Dirigimo-nos à séde da Sociedade dos Atiradores, estabelecendo ali o nosso quartel. Dois dos nossos milicianos, Erich Gaertner e Max Stutzer, tiveram a sorte de poder aprisionar quatro dos federalistas fugitivos da hospedaria.

Estavam eles patrulhando a região da passagem, quando ouviram, no matagal à beira da estrada, o barulho de passos e de armas transportadas. Que-daram-se em silêncio, e, quando logo mais saíram quatro homens da caçoeira, deram-lhes voz de prisão. Os militares adversários — 2 oficiais e dois soldados — perplexos e amedrontados se renderam. A patrulha entregou-os ao pelotão de guarda do comando, onde os federalistas pediram para deixá-los em liberdade, que pretendiam renunciar aos cargos e recolher-se à vida particular. As armas foram detidas, mas os homens receberam licença de retirar-se.

No outro dia partimos, somente por perto das 11 horas, em direção a Tijucas, via Nova Trento. Devido à região montanhosa, viajamos quase só a pé, pousando algum tempo no divisor das águas.

Na descida, no outro lado do grande declive, ocorreu um acidente. A carroça, em frente daquela em que eu viajava, virou, tendo passado em cima de um dos seus ocupantes. Este gritou terrivelmente e temíamos que viesse a falecer aí mesmo. Quando chegou o médico, Dr. Cunha, este constatou, após exame minucioso, que, milagrosamente, o acidentado quase não havia sido machucado. Encontrava-se, isso sim, em grave estado de **piléque!** Schroeder, assim era o nome do paciente, foi acomodado novamente na carroça, e, na chegada a Tijucas, perto da meia-noite, estava quase recuperado dos dois males.

Que neste trajeto de Brusque a Tijucas, não ocorressem desastres graves, é quase inacreditável! É incrível ter sido possível passar, à noite, por tais precipícios que beiravam a estrada.

Em Tijucas, fomos muito bem recebidos. Ainda à noite recebemos uma refeição de pão e café, num boteco de propriedade de uma família Cohn. Deitamo-nos a dormir, sem montar guarda.

Se nos quartéis improvisados de Blumenau havíamos dormido sobre esteiras e, por vezes, até no assoalho nú, servindo um pala de cobertor para dois homens, não estranhámos encontrar aqui condições idênticas. Estávamos satisfeitos de poder pernoitar em ambiente espaçoso e fechado, mesmo que não faltassem pulgas e congêneres para incomodar-nos.

No dia seguinte, entretanto, a nossa refeição fez-se esperar. Ouvimos depois que um boi teria sido abatido, especialmente para nós, o que não podemos contestar, mas se realmente assim foi, a nós nada foi servido deste prato! Recebemos peixe de boa qualidade, mas perdidamente salgado, arroz e alguma outra carne. Tudo teria sido ótimo, não fôsse o excesso de sal.

Telegrafou-se, agora, a Itajaí, para vir de lá o vapor "ITAPEMIRIM" apanhar-nos em Pôrto Belo.

Este vapor se encontrava neste porto fazia algum tempo, tendo levado para lá um certo capitão Coelho e 30 soldados profissionais (soldados de linha) com o intuito de interceptar um carregamento de armas que os federalistas tentariam desembarcar ali.

Uma tentativa de abastecimento de munição para nós, havia falhado. Quando estivemos em Brusque, o alféres Serra Martins, filho do comandante do Distrito, não pôde realizar este propósito, não conseguindo passagem pelo cerco dos "Tucanos".

Já era tarde quando partimos de Tijucas, marchando em direção a Porto Belo.

Os dois carros de bois, contratados para o transporte das armas que não podíamos levar, custaram 20\$000 réis! A marcha fez-nos muito bem! Paramos na venda dos Guerreiros, onde pedi uma cerveja, pela qual tive de pagar nada menos que 700 réis! Era meio azêda e forneceram um único caneco de folha, que teve de servir a outras 50 pessoas, mais ou menos! Como sacarroilhas, usavam aí um grande prego, com a qual, através de marteladas, empurravam a rolha para dentro do gargalo.

De lá partindo, marchamos até chegar a Porto Belo, às 4 horas mais ou menos. Logo abateu-se uma rês, que foi carneada e a carne preparada para a nossa refeição.

Todos os componentes da 1.^a Companhia, da qual também eu fiz parte, receberam ordens de montar guarda.

Sabíamos que os "Tucanos" tinham estado em Brusque, e que pretendiam seguir de lá em direção a Blumenau. Porém como diz o provérbio: "O maior cuidado nunca é demais!"

Fomos organizados em três colunas, recebendo, cada uma, indicação do seu setor de vigilância.

Antes de partir para esta missão, jantamos às pressas — para o nosso pesar, nada ainda da apetitosa carne de vaca; recebemos carne seca, que não estivera de molho, antes da preparação, dura e salgada, conseqüentemente, e cortada em tiras grossas. O pirão que acompanhava o prato, também fôra um mingau, não preparado com água fervida...

O meu pelotão era constituído de 7 pessoas, inclusive um cabo, e tomou posição a dois quilômetros de distância do acampamento principal. Montamos guarda, sempre em dois, revesando-nos depois de 3 hras e meia. Dormimos o resto do tempo num rancho baixo, usado para barcos de pescaria.

Durante a minha vez, o colega de guarda e eu, observamos a chegada do Itapemirim, lá pelas 10 horas, mais ou menos. Logo mais passaram também os carros, conduzindo as armas e alguns mantimentos. Como eu estivesse com muita fome, após a refeição inderível, pedi ao almoxarife que viajava junto, um pouco de pão, que êle cedeu de boa vontade.

Mal eu acabava de pegar no sono, quando me acordaram, pois o embarque seria realizado logo.

Dois barcos começaram a transportar os homens até o navio, o que levou bastante tempo.

Quando estavam já quase todos a bordo, soubemos que, devido a um telegrama de última hora, advertindo o governador Hercílio a não embarcar em companhia da Guarda Cívica de Blumenau, êste ficara no acampamento, de onde seguiria, depois, em barco especial, em companhia de alguns amigos a Destêrro.

Este fato diminuiu bastante o nosso entusiasmo.

Notamos, depois da largada, a falta de um pelotão de vigilância constituído de sete homens.

Não ouvimos certamente os sinais de chamada, e, como ninguém desse pelo fato, não foi mandado um aviso especial. Chegaram três dias depois a Destêrro, avisados de lá por um telegrama, contando que, naquela noite, haviam permanecido no pósto até altas horas da outra manhã, esperando a substituição, quando finalmente perceberam que haviam sido abandonados.

A nossa viagem de navio foi pavorosa. Eu era soldado raso e devia, como os colegas desta categoria, viajar no porão. Aprendi, aí, a dormir sentado. E o navio andava tão devagar!...

Na fortaleza de Sta. Cruz tivemos de parar por muito tempo. O comandante da mesma veio especialmente a bordo. Já eram oito horas da manhã, quando o Itapemirim atracou em Destêrro.

Fomos recebidos por um contingente de soldados, em número de 50 e a banda de música do 25.^o Batalhão do Exército, então aquartelado na capital do Estado, tendo comparecido, pessoalmente, o comandante do distrito, Ser-

ra Martins, sob cujo comando, puxados pela banda, desfilaros pelas ruas da cidade, passando pelo Palácio do Governo, rumo ao Quartel. Anteriormente, o comandante havia brindado ao Presidente Floriano, à República e ao Exército, etc...

O major-comandante da nossa Guarda Civil era W. F. Schmidt. Gottlieb Reif e A. Busse eram capitães; E. Schulte e Oliveira eram tenentes; Cunha Silveira e Kunze eram alferes; havendo ainda alguns sargentos.

No dia após a nossa chegada, fomos fardados, como o pessoal de "linha". Nesta equipação, a nossa milícia tornou-se muito apresentável. Em todas as ruas da cidade surgiam os milicianos de Blumenau. Os habitantes, sobretudo na camada do populacho da rua, não nos via com bons olhos.

Além de brigas insignificantes, contudo, nada sofremos por parte d'elles. Aos nossos grupos havia sido proibida a saída às ruas, a não ser em grupos maiores. Alguns fardoleiros, contudo, desobedeceram, repetidas vezes. Houve oportunidade entretanto, de convencê-los do acerto desta determinação.

Assim, quando dois dos nossos rapazes (um dêles de nome Schippmann) estiveram passeando perto dos edificios da firma Hoepcke, onde havia, como sempre, muita gente ociosa à beira das calçadas, começou esta a provocar os blumenauenses. Quando êstes passaram impassíveis, formou-se um bôlo que se tocou atrás dêles. Os dois começaram a correr e os perseguidores também, através de muitas ruas, até o bairro da Praia de Fora, chamando, aos gritos, por auxilio para barrar a passagem dos blumenauenses — "peguem êstes imbecis!", "Matem-os"! etc...

O que faltou aos nossos heróis em coragem e expediente, êles possuíam na ligeireza física, de maneira que escaparam ilêso do incidente.

Uma farça gostosa permitiu-se fazer com Elizeu, o nosso alferes Kunze, um camarada gozado. Um grupo dos nossos, eu, o nosso comandante Schmidt, Capitão Busse, Tenente Schulte, um alferes do 25.º Batalhão e outros amigos estávamos tomando café em uma das praças públicas da cidade.

Chegaram aí dois federalistas, Dr. Williams e um certo Becker, que ocuparam uma mesa ao lado da nossa. O comandante Schmidt sugeriu ao brincalhão Kunze, que troçasse dos dois.

Nada de mais agradável poderia acontecer ao mesmo. Logo começou a puxar conversa com os vizinhos de mesa, e não demorou já estava confidenciando, à meia voz, ao Dr. Williams, que estava farto desta "joça", com vontade de desertar, mas que não tinha dinheiro, nem dispunha de crédito. — "Bobagem, doutor", êle disse em seguida, — "cada um come o prato que encomendou! Mas isso não exclui a possibilidade de um bate-papo amistoso entre nós, não é? O doutor não paga uma garrafa de vinho?"

A conversa durou a sua meia hora, durante a qual Kunze applicou nos federalistas elogios desmedidos, de maneira que parecia simplório. Enfim, as mentiras mais espetaculares. O dr. Williams já devia ter dispendido os seus 10\$000 réis, com o bobalhão adversário, quando levantou-se, convidando Kunze a acompanhá-lo, para considerar os assuntos mais a sério. Saindo de lá, Williams encaminhou-se diretamente a Eliseu, apresentando Kunze ao Vice-presidente do Estado. Expôs a conversa que manteve com o blumenauense, apontando-o como intérprete para operações delicadas.

Elizeu perguntou a Kunze, se êle falava o português.

— "Nêe, prasileirro nix", êste dizia, abanando, negativamente, a cabeça. (Falava o vernáculo regularmente e compreendia tudo).

Então, aconselhou Eliseu o doutor, a amedrontar o "legalista", apresentando-lhe bem os riscos da situação crítica em que êle e os seus companheiros se encontravam e, em seguida, ofereceu-lhe dinheiro, para êle e os camaradas que desejassem fugir.

Kunze fingiu-se bastante impressionado quando Williams, depois, apontou-lhe os perigos da Guarda Blumenauense, concordando, aliviado, com o oferecimento do auxilio para a fuga. Prometeu comparecer à mesma noite, com 26 companheiros, na casa de Eliseu, os quais, tinha a certeza, após uma boa refeição e respectiva bebidas, recebendo ainda um prêmio em dinheiro, emprenderiam, com gôsto, a fuga, via Estreito até Blumenau. Kunze, chegando já ao cair da noite ao quartel, contou o acontecido, disposto a efetuar a visita planejada, em companhia dos companheiros prometidos. Comeriam e be-

beriam bem, e após, terem recebido o dinheiro aplicariam uma surra em regra em Eliseu.

Aquela hora, entretanto, não se encontrava ninguém do Comando na caserna, e quando chegaram, altas horas da noite, rejeitaram o plano como inaceitável. A façanha não deixou contudo, de ser lembrada como uma oportunidade vantajosa que deixara de ser aproveitada...

Domingo, 20 de julho, foi realizado um desfile grandioso com a participação, também da nossa Guarda Cívica.

Depois de manobras preparatórias no campo de exercícios, disparou a artilharia nove tiros de canhão, em frente ao quartel. Depois marchamos, através da cidade, até a Praia de Fóra, de onde voltamos após breve pausa.

O comandante Serra Martins mandou-nos formar depois da seguinte maneira: à esquerda, a unidade do Exército; a Guarda Cívica à direita, e, avançando um pouco, no centro, a Artilharia, em cuja frente cavalgava a oficialidade e o próprio Serra Martins.

Foram batidas fotografias antes de reiniciarmos a marcha, quando desfilamos até a Praça Pública, frente ao Palácio do Governo.

Aí formamos em triângulo e a artilharia, no centro, disparou 20 tiros de canhão. Após esta demonstração, que muita surpresa causou ao governo e ao povo de Destêro, que nunca haviam assistido a tal espetáculo, voltamos ao quartel.

Agora ficou resolvido que a revolução, há muito planejada, seria realizada ainda na mesma noite.

Os componentes da guarda civil recebera ordens e instruções, de sair todos, e aos poucos, do quartel, levando alguns as suas armas, enquanto outros as receberiam depois.

O palácio seria sitiado, ao mesmo tempo, pelos quatro lados.

Uma comissão iria ao vice-presidente, exigir a sua renúncia. Caso se recusasse, seria "a força das armas" como êle mesmo dissera à primeira comissão.

De noite, vestimo-nos todos a paisana, inclusive seis cadetes e alguns oficiais e sub-tenentes do 25.º Batalhão, começando a sair em pequenos grupos, sendo que as armas seriam passadas através de um vidro quebrado, o que, aliás, só se efetuaria, depois que aparecessem os nossos partidários da cidade, Napoleão Poeta, Gustavo Richard, Tolentino, Blum, e outros no "Campo do Manejo".

A nossa gente teuta, um tanto alheia aos pormenores, muitos dêles impacientes e pouco compreensivos, começou a bater na respectiva janela, reclamando as armas. O oficial de plantão ficou atento, reforçando, em seguida, os postos de vigilância, dando ordens a êstes, de não deixar chegar ninguém perto da aludida janela, proibindo ao mesmo tempo, toda e qualquer saída durante esta noite.

De todos os oficiais do batalhão, apenas três estavam contra nós. Os demais, como também os soldados, eram todos simpatizantes da nossa causa e dos nossos planos. Com não pudessem participar diretamente, apoiaram-nos em tudo que lhes fôsse possível. Logo nesta noite decisiva, entretanto, um dos oficiais adversários, estava no comando como "oficial de dia". Com as respectivas ordens, seria possível impedir os atos preliminares para o empreendimento.

No referido incidente eu já estava, com a minha arma, do lado de fora do quartel, e fui, com os demais que já haviam saído, à casa de Tolentino, que morava em frente do palácio. Os nossos camaradas, que tiveram a saída barrada pela ordem do oficial, encontram depois uma saída clandestina, através das dependências do fundo do quartel, trazendo armas e munições.

Recebemos aviso para comparecer ao "Campo do Manejo" para a devida instrução. Chegando ali, já encontramos todos os companheiros reunidos e o nosso governador, Hercílio Luz, surgiu justamente no meio dêles, trazendo a sua carabina nas mãos.

Ele estivera escondido aqui os dias todos, enquanto era espalhado o boato de que êle teria regressado a Blumenau.

Integrei-me em uma das quatro colunas que se puseram logo em marcha.

A nossa, comandada pelo capitão Reif, tomaria posição em frente ao muro do jardim do palácio; o pelotão do comandante Schmidt ocuparia o la-

do do jardim do palácio, perto do mercado; o terceiro pelotão ficaria de guarda nos fundos do palácio, e o quarto na parte superior, perto do muro da catedral. No meio de todo esse movimento, andavam grupos de amigos e simpatizantes, não pertencentes à nossa milícia.

A casa de Tolentino estava completamente ocupada, como também a de Napoleão Poeta. Levávamos ainda alguns homens que transportavam bombas de dinamite, as quais seriam aproveitadas somente em última hipótese.

Quando nós nos encontrávamos a caminho, vem um negro correndo, rogando insistentemente que o Dr. Hercílio, desistisse do propósito, pois, na torre da catedral, de frente para o palácio, havia homens da polícia, escondidos, com bombas de dinamite, para nos destruir a todos.

Devido a essa notícia, o nosso plano foi precipitado.

Quando o respectivo pelotão da nossa Guarda passava pelo muro da catedral, debruçou-se um homem sobre o mesmo, acendendo alguma coisa com o seu charuto. Um dos nossos camaradas, alertado pela mensagem do negro, supôs estar aquele homem ateando fogo a uma bomba para jogá-la entre nós e disparou a sua arma contra ele. Logo começaram a vir tiros de dentro do palácio e nós abrimos fogo contra este, de todos os lados, sem mandar primeiramente a comissão, conforme anteriormente se estabelecera.

De dentro do palácio, partiu intensa fuzilaria em nossa direção, sibilando as balas sobre as nossas cabeças e também os dois canhões, que Eliseu mandara montar, recentemente, no andar térreo, na parte da frente do palácio, abriram fogo, misturando-se ao seu estrondo o pipocar dos tiros das nossas espingardas.

O bombardeio durou, mais ou menos, um quarto de hora. Quando as armas do palácio silenciaram, também nós cessamos fogo. Neste momento apareceu a cavalaria a galope, dispersando-nos, e pondo termo ao ataque.

Fiquei pasmado quando soube que, por então, ficava suspenso o ataque. Não pude conceber o fato de termos atacado o palácio sem providenciar logo a sua ocupação. Propus ao Dr. Paula Ramos mandar, pelo menos então, uma comissão ao Eliseu para saber se concordaria em entregar o governo, sem outras providências. Paula Ramos declarou ser da mesma opinião, e começou logo a lembrar nomes para participarem de tal comissão.

Chegou, entretanto, ordem de nos recolhermos, imediatamente, ao quartel.

O Comandante do Distrito, em companhia de seu ajudante, havia ido a Palácio e assegurado a Eliseu que os agressores haviam sido dispersados e que ele garantiria a manutenção da ordem.

Corremos ao quartel, onde tudo parecia estar em alvoroço.

Podíamos escutar ordens como: "Formar"! e, em seguida, "dispersar"! Ouvia-se o tinir das baionetas e tinha-se a impressão de que se estava em estado de prontidão. Necessitamos, por instantes, de entrar naquele ambiente estranho. O nosso comandante Schmidt, porém, veio à porta e gritou: "Entrem depressa, senão serão castigados"!

Logo veio a ordem para a Guarda Cívica pôr-se de prontidão. O corneteiro tocou o respectivo sinal. Formamos, mas sem pressa, pois muitos dos camaradas faltavam e vinham entrando aos poucos, enfiando-se pelo caminho da saída clandestina.

Foi mandado proceder à limpeza das nossas "comblains", compondo o comandante uma parte na qual dizia que, a 1.30 da madrugada, mais ou menos, mandara tocar o sinal de reunir, quando se verificou que todos os milicianos da Guarda Civil estavam presentes e que, do exame procedido em suas armas, ficou constatado que nenhuma delas tinha sido usada, comprovando que não haviam participado do ataque ao Palácio.

Enquanto os soldados do Exército patrulhavam as ruas, nós cochilamos um pouco, fardados e calçados e muitos até mesmo de boné na cabeça.

Nestas horas de prontidão, aguardando qualquer ordem do Comandante, este para proteger Eliseu, nos incriminara de termos agredido o palácio com as nossas carabinas.

Sinal da mais negra ingratidão humana!

Durante o ataque noturno, as praças da Polícia do Estado haviam abandonado as sedes do Tesouro, da Câmara Municipal, e do Quartel da Polícia.

Para a guarnição desses postos foram requisitados milicianos da nossa Guarda Cívica.

O nosso Governador Hercílio estabeleceu a sua sede administrativa, imediatamente, na Câmara Municipal.

Em resposta ao relatório do Comandante do Distrito, sobre as ocorrências da noite, veio a determinação do Presidente Floriano de manter a ordem e de garantir às partes os postos conquistados, até a chegada do emissário Valadao, que faria o maior empenho em resolver tudo amistosamente.

Portanto, havia armistício, momentaneamente.

Na manhã seguinte ao ataque noturno, quando alguns curiosos da nossa gente quiseram observar o estado em que ficara o palácio, encontraram ali apenas alguns soldados de polícia, no andar térreo, que lhes permitiram a entrada.

Chegando outros componentes da nossa milícia, mandaram estes os soldados embora e ocuparam o palácio que, como se soube em seguida, havia sido abandonado por Eliseu, Machado e a multidão dos seus simpatizantes.

Todas as sedes dos setores administrativos do Estado, estavam agora nas nossas mãos. O Dr. Hercílio transferiu-se logo para o palácio do governador e, aparentemente, tudo havia sido conquistado.

O palácio dava a impressão de um convalescente da epidemia da varíola. Através de certas janelas haviam passado até dez balas. Conforme a direção, por vezes haviam ultrapassado várias portas além das janelas, localizando-se em diversas paredes.

Os federalistas tiveram cinco mortos durante o bombardeio; o número exato dos feridos não foi dado ao conhecimento público. Do nosso lado não houve vítimas, nem feridos, o que foi considerado como milagre, pois até os canhões atiravam contra nós, além dos fuzis, armas superiores às nossas.

Em Blumenau, havia poucos dias que fôra rechaçada a infantaria do Tenente Machado, também com os sacrifícios de algumas vidas dos contrários a nós e muitos feridos, sem que algum dos bravos defensores blumenauenses sofresse algum dano.

De repente, espalharam-se rumores: "A Guarda Cívica foi dissolvida!"... "Eliseu foi reempellido por ordem de Floriano"! "Não haveria pagamento para nós".

Só se via gente de sobrelenho carregado e fisionomias mal humoradas. Os responsáveis procuravam fugir a pedidos de esclarecimentos sobre o assunto.

Assim se passou algum tempo de incerteza. Apececeu, finalmente, o dr. Cunha, que nos deu ciência dos fatos realmente acontecidos.

A Guarda Cívica fôra mesmo dissolvida, mas o nosso dinheiro — o soldo — nós iriamos receber ainda naquele mesmo dia. A notícia do reempellido de Eliseu havia sido falsa, ou antes — uma notícia fantasiosa.

Floriano telegrafara mesmo a Serra Martins, dizendo lamentar que este não tivesse sido capaz de sufocar a revolução, dando ordem ao mesmo, para reconhecer o governo de Eliseu, mesmo que este fôsse constituido fora da capital. Simultaneamente, entretanto, havia chegado outro telegrama, exortando a nossa gente para aguentar firme nos postos conquistados, dizendo que a dissolução da guarda cívica fôra gesto estratégico, para proporcionar ao Dr. Hercílio os elementos necessários para a formação do seu contingente policial.

A nossa guarda estava pois dissolvida, e as armas foram entregues imediatamente.

Em Itajaí, acampava ainda o adversário, batido pelos blumenauenses, mas, bastante poderoso ainda, para, como vingança, aniquilar o nosso grupo desarmado.

Não restava, de momento, outra alternativa, senão ingressar, como o sugerido por Floriano, no corpo policial do Dr. Hercílio. Foi-nos garantida a viagem para até Blumenau logo que fôsse possível, estada livre até então em Destêrro, e o soldo diário de 2\$000 réis.

No mesmo dia, assentamos, pois, praça e assumimos a respectiva guarda do palácio.

A refeição oferecida pelo Hotel Globo, no primeiro dia, foi insuficiente, e, no dia seguinte, sob pressão dos federalistas, de todo recusou o proprie-

tário o fornecimento. Foram então adquiridos os gêneros — feijão, carne seca, café, pão, — e preparamos as refeições nós mesmos, no Palácio.

Machado mandou pedir permissão para retornar os móveis de sua propriedade, e apareceu para a tarefa pessoalmente, em companhia da esposa.

Durante o ataque ao palácio, ele e os demais, como se soube depois, haviam-se refugiado com os seus fuzis, nas dependências das instalações sanitárias, e permanecido ali, até que tudo voltasse ao sossego.

No dia 31 de agosto escutam repentinamente uma gritaria na rua, e havia aglomeração do povo próximo ao Palácio. Um dos nossos de nome, Quentim, havia-se aventurado novamente a um passeio pelos arredores quando foi agredido ederrubado.

Pela agilidade de suas pernas, conseguiu subtrair-se às agressões corporais. A massa humana, entretanto, fervilhava e aumentava a cada instante. Ouvia-se alguém discursando e a população gritava os seus "vivas"!

Vieram piquetes do Exército, ocupando o palácio e as sedes das demais repartições públicas. Do palácio guardamos, apenas, bem armados, as posições internas.

A multidão, entretanto, não se aproximou, começando o ajuntamento a dissolver-se, aos poucos.

Soube-se que ficou marcada uma concentração em Praia de Fóra, de onde eles pretendiam iniciar, às 11 horas da noite, a marcha sobre o palácio. Os nossos ansiavam por um encontro, por uma batalha decisiva, um esclarecimento definitivo sobre a questão.

Os federalistas, porém, desistiram do ataque, contentando-se com o estabelecimento da sede de seu governo na Capitania do Porto, pesarosa, certamente, perante a própria incompetência, abandonando o Palácio do Governo aos adversários.

Assim, passou-se o dia. À noitinha, foi distribuído um folheto do jornal "A República", contendo diversos decretos e disposições do governador Hercílio, tais como a dissolução das Assembleias Legislativas dos Municípios do Estado, isto é, das Câmaras Municipais, com exceção das de Blumenau e de Joinville; demissão do Secretário de Estado Horn; nomeação de novo chefe de polícia do Estado; reempossamento do tribunal antigo e, sobretudo, marcando a eleição para governador do Estado e deputados estaduais para 1.º de outubro de 1893!

À noite, meu amigo Lostada e eu acomodamo-nos no quarto do governador, onde, além do mobiliário, não existia nada, nem travesseiro nem cobertor.

Eram apenas nove horas quando surgiu o Dr. Cunha, dizendo com desespêro: — Está tudo perdido! Serra Martins recebeu ordens de Floriano de intimar-nos a devolver o governo a Eliseu: Deu garantias. Não haverá vencedores nem vencidos! Podemos voltar aos quartéis, até que estiver um navio à disposição para o nosso transporte de volta a Blumenau. Teremos passagem livre. E desabafou: — Fomos traídos, sacrificados, conforme os interesses atuais!

Partilhei, naturalmente, da decepção do companheiro e bom amigo. Estranhei, apenas, no íntimo, a desilusão do mesmo, ante o fato ocorrido. Neste jôgo dúbio de interesses políticos, não teria ele percebido, há muito, que nós não participávamos do mesmo, mas éramos apenas joguetes?

Saímos do quarto para informar nossa gente. Combinamos mudarmo-nos para quartéis, ainda durante a noite. Para nós qualquer luta não tinha mais sentido.

Após o entendimento com o comando, começamos logo a caminhada. Outra vez foi esquecido avisar um pelotão de sentinelas, que guardava a entrada dos fundos do Palácio... Só horas depois, chegaram estes companheiros ao quartel.

Com muita cautela, revistou a gente de Eliseu o Palácio, contando com a possibilidade de termos colocado bombas de dinamite, como propalaram mesmo, que teriam encontrado uma, o que foi a calúnia mais deslavada!

Durante a nossa permanência em Destêro, Eliseu não se mudou para o Palácio. Também os gêneros comprados para nosso sustento, foram todos jogados ao mar, assim como despejaram a comida já preparada, com receio de estar envenenada. Correram boatos que Eliseu não mais queria reassumir o

cargo e que o seu substituto, Pires, entregá-lo-ia ao emissário Valadão, o que, entretanto, não corresponde à verdade.

Se antes já não fôra aconselhável o aparecimento da nossa gente na rua, muito menos o seria agora! A oficialidade do quartel baixou, assim, proibição severa nêsse sentido.

Mesmo assim, houve um ou outro que não resistiu ao desejo de comprar um pão extra, fumo, etc... Kunze, naturalmente, era novamente protagonista de acontecimentos. Na primeira saída clandestina, êle encontrou, na vendinha, dois soldados da polícia, que logo começaram a provocá-lo, xingando os blumenauenses e desembainhando a baioneta. Arregaçando as mangas, êle enfrentou-os perguntando, qual era o propósito dêles. Certamente, com ordens de evitar incidentes, os soldados preferiram não chegar às vias de fato, deixando o local às pressas.

À noite, saiu Kunze de novo, desta vez para ir à padaria. Encontrou um grupo maior de polícias, uns quinze, talvez. Dirigindo-se a êles, êle perguntou qual a padaria mais próxima. Puxando a baioneta, um soldado encostou-a no peito de Kunze gritando: — “Posso dar-lhe a padaria aqui mesmo!” Kunze pulou para trás apanhou uma pedra e bateu na testa do soldado que ficou sangrando, apanhando logo outras e jogando nos demais, que, como os companheiros da mesma manhã, deixaram o local. Também Kunze, aliás, achou de bom alvitre não insistir no passeio, tendo voltado ao quartel sem a compra planejada.

Sexta-feira, a uma hora da madrugada, levantamo-nos e, sob a guarda de 20 soldados do Exército, e a presença do tenente Camisão, embarcamos no “ITAPEMIRIM”, que sob mil xingações e grosserias de um comandante português, zarpou somente às 8 horas da manhã. Durante a viagem estivemos sujeitos, ainda, a muitas observações e comentários desairosos da parte do comandante.

Chegando a Itajaí às 4 1/2 horas da tarde. O navio não atracou no trapiche, fundeando uns dez metros distante do mesmo. Logo apareceu o delegado de polícia de Itajaí, falando com o comandante, que em seguida, passou a esbravejar com mais fúria ainda.

Mandou, então, abrir o navio do lado direito, para que o vapor “PROGRESSO” pudesse encostar ali. Proibiu, entretanto, a nossa passagem para lá, e berrava como um mdoido, quando alguém do “Progresso” tocava no “Itape-mirim”.

Finalmente, com ordem do delegado efetuou-se a baldeação.

Soubemos, então, que o delegado Seára havia formulado o pedido que não fôssemos desembarcados em Itajaí, tendo, no calor da discussão, proibido o desembarque, categòricamente, emendando depois, o gesto, declarando que estava apresentando, apenas, um pedido, para evitar eventuais distúrbios. Apresentou um telegrama, nêsse sentido, recebido de Eliseu.

O Dr. Cunha havia protestado contra esta determinação, secundado enèrgicamente por Lostada, expondo que não seria possível seguir viagem, sem que a nossa gente fizesse uma refeição, ao menos.

Nós, entretanto, estávamos fartos de brigas vãs, e contentes ante as perspectivas de, com um pouco de sorte, poder chegar a Blumenau pela meia-noite. Resignamo-nos, sem lamentações, a não desembarcar em Itajaí — não com medo dos quinze “tucanos” e do tipo de gente que vinha se aglomerando no trapiche, os quais, se tivesse algum sentido, não teríamos duvidado de enfrentar, mesmo, possuindo apenas seis fuzis.

Os nossos amigos mandaram-nos comida a bordo, e ninguém passou fome.

De início, a nossa viagem prosseguiu muito bem. Uma parte dos homens do nosso contingente instalara-se em uma lancha, rebocada pelo “Progresso”. Mesmo assim, ficamos acomodados no vapor, que nem sardinha em lata. Eu havia conseguido um lugar perto da caldeira, onde o calor não era brincadeira, mas havia outros que sentiram, nesta noite de agosto, um frio danado, tiritando durante tôda a viagem.

O vapor parou inopinadamente na Barra de Luiz Alves. Depois de perguntas para lá e para cá, soube-se que acabara a lenha. Segundo determinação do Sr. Asseburg, o “Progresso” estivera de prontidão para a partida, em Itajaí, desde às 11 horas da manhã, medida que redundara no esgotamento prematuro das reservas de combustível. Agora, dizia-se, iam ficar aqui até ao ama-

nhecer. A nossa gente tratou de encontrar um lugar para poder dormir. A maioria instalou-se num paiól de arroz, de propriedade de uma Sra. Koehler.

A tripulação do barco entregou-se à faina de rachar lenha, à luz de uma fogueira. A certa altura, julgou-se que havia o suficiente para o abastecimento durante o resto da viagem, e o comandante Kuhlmann deu ordens de embarque e partida imediata.

Novamente ficou um grupo de gente, simplesmente porque o comandante nem dera tempo para verificar se todos estavam presentes.

Constatada a falta, Gotlieb Reif obrigou o comandante teimoso a parar, até que os faltantes fôssem localizados e trazidos de canoa para o vapor.

Em Gaspar, já desembarcaram alguns dos nossos homens.

Em Belchior, encalhou o vapor três vêzes nos bancos de areias, levando uma boa hora para a passagem daquêle trecho ruim do Itajaí-Açú, com correntezas e um canal navegável muito estreito.

Mais uma vêz encalhou o "Progresso", já no perímetro urbano de Blumenau, nas proximidades do Abrigo de Imigrantes, à rua Itajaí, de onde, entretanto, conseguiu soltar-se com relativa facilidade.

Os sinos bimbalharam e eram exatamente seis horas da manhã, quando, sábado, dia 5 de agôsto de 1893, pisamos em terra na nossa insuperável Blumenau.

Vencedores — voltamos vencidos para casa...

Mas, como estávamos contentes de retornar ao nosso rincão, aos nossos lares!

Sim porque não há nada que se iguale a Blumenau — nem dez Destêrros seriam um equivalente!

Eu, como muitos da nossa gente, nunca tínhamos sido admiradores da nossa capital; — depois dos episódios recém-vividos, a ojeriza mais se acentuara.

Concordamos, entretanto, que os desterrenses também não teriam motivo para apreciar-nos.

Mas estávamos agora em casa, e o resto não importava. Todos estavam contentes que Deus tivesse estado conosco, e que tivéssemos saído das escaramuças sem mortos e feridos.

— ★ —

AOS NOSSOS LEITORES

Em razão do exorbitante aumento do custo de vida e, de um modo especial, do preço do papel e da mão-de-obra, esta publicação não tem aparecido com a regularidade que desejávamos. E, daqui por diante, teremos que continuar sacrificando essa regularidade, fazendo com que "Blumenau em Cadernos" apareça, apenas, de três, ou de quatro em quatro meses.

Preferimos sujeitar-nos a contingências tão do nosso desagrado, do que suspender, de todo, a publicação dêste periódico.

Basta que se saiba que pagávamos, quando há cinco anos começamos esta empresa, seis mil cruzeiros (Cr\$ 6.000,00) por edição desta revista e, agora, somos forçados a despender, pela mesma, 90.000,00 cruzeiros, para que se justifique a nossa atitude. "Blumenau em Cadernos" é uma publicação especializada, de circulação restrita a meios culturais, com número reduzido de assinantes, não interessando, portanto, muito à propaganda comercial que é, em geral, o sustentáculo de iniciativas como esta. E, de nossa parte, pouco jeito temos para andar solicitando anúncios pagos, importunando o comércio e as indústrias com constantes pedidos.

A subvenção com que nos favorece a Prefeitura Municipal é ainda a mesma de 3 anos atrás (Cr\$ 12.000,00, mensais). Diversas firmas industriais, desprezando os próprios interesses, sem olhar vantagens ou desvantagens na inserção de anúncios em nossas páginas, têm-nos favorecido com variadas subvenções anuais.

Não podemos, com êsses poucos recursos, fazer mais do que pretendemos, para não deixar morrer de todo a nossa revista.

Temos certeza de que os nossos leitores bem compreenderão essas razões e continuarão a dar-nos o mesmo apoio com que sempre nos têm honrado e nos ajudarão, na difícil conjuntura econômica que a nação vive, a não deixar perecer uma obra digna de todo amparo e auxílio.



FIGURAS DO PASSADO

CARLOS TECHENTIN

Entre os homens que, em Blumenau, se dedicaram ao ensino e educação da infância e mocidade, é de justiça destacar-se o nome do professor Carlos Techentin. Dotado de variada cultura e aprimorada inteligência, ativo e esforçado, consagrou toda a sua existência ao magistério do qual se tornou um verdadeiro apóstolo pela inata atração que por êle nutria.

Era alemão de nascimento. Mas de tal forma aqui se integrou que, em pouco tempo não só dominava perfeitamente o vernáculo como se encontrava habilitado a ensinar o nosso idioma em vários estabelecimentos de ensino primário e médio.

Nascido em Hamburgo, a 19 de janeiro de 1886, veio para o Brasil, pela segunda vez, em 1908. Era filho de Jorge Carlos Techentin e Henriqueta Harder. Em 1911, casou-se com Helena Meurer Steffens, natural de Vargem Grande, do município de Palhoça, neste Estado. Vindo para Blumenau, já em 1913 era nomeado professor do Grupo Escolar "Luiz Delfino". Ao mesmo tempo que ensinava, continuava estudando. Colou gráu de normalista e em 1916 foi nomeado diretor do mesmo Grupo Escolar, pôsto em que se houve com muita correção e acêrto, a ponto de merecer do então Diretor da Educação, Horácio Nunes Pires, elogios que passaram a fazer parte da sua folha de serviços. Submeteu-se, em 1927, a exames de madureza no Ginásio Catarinense, dirigido pelos padres jesuitas, em Florianópolis, tendo sido aprovado plenamente e obtido certificado de habilitação em português, história, geografia e aritmética.

Não contente com isso, e obedecendo a naturais impulsos de adiantar-se sempre mais, prestou exames no Superior Tribunal de Jus-



tiça do Estado, obtendo carta de solicitador, em 1926. Nêsse mesmo ano, a 1.º de setembro, foi nomeado adjunto do promotor público desta comarca, cargo do qual, no ano seguinte, solicitou exoneração. Em 1930 era secretário da Junta de Alistamento Militar. De janeiro de 1927 até dezembro de 1929 foi procurador e contador geral da firma Kander & Deschner, desta praça.

Em 1935 foi nomeado lente do Colégio Santo Antônio, também desta cidade para as cadeiras de Português e Geografia.

Por algum tempo, dedicou-se também ao jornalismo, sendo redator do semanário "Volkszeitung", de pouca duração.

Faleceu a 2 de junho de 1947. Sua viúva, dona Helena, seguiu-o no túmulo a 19 de janeiro de 1963.

De seu matrimônio, Carlos Techentim deixou os seguintes filhos: Elsa, casada com Laureano Pacheco, atualmente diretora do Grupo Escolar "Machado de Assis"; Carlos, funcionário municipal, fiscal da D.O.P.; Annemarie, secretária da Prefeitura Municipal; Maria Hertha, também professora do Grupo Escolar "Machado de Assis" e, finalmente, Fritz Paulo, farmacêutico, proprietário da Farmácia "Techentin", em Campinha Central, município de Massaranuba, de cuja câmara municipal faz parte, como seu presidente. Fôra, êste último, também, vereador à Câmara Municipal de Guaramirim.

Foi, assim, o nosso biografado um blumenauense prestimoso, merecendo que lhe rendamos à memória honrada um pleito de profundo reconhecimento.



EDITAIS DOS TEMPOS DA COLÔNIA

Eis alguns dos editais que a Direção da Colônia Blumenau costumava distribuir, mimeografados, entre os colonos:

1.º) — Armas do Império. Com relação aos bugres. Direção da Colônia Blumenau, 15 de outubro de 1877. Chamamos a atenção dos habitantes desta Colônia, especialmente daqueles dos setores mais avançados, para o fato da aproximação da época do ano, na qual os índios nativos (bugres), costumam aparecer nesta zona, nas suas andanças habituais, realizando, então, assaltos, onde para tal se ofereça oportunidade.

Para evitar êstes desastres tanto quanto possível, recomendamos aos colonos darem a máxima atenção às suas armas e trazê-las sempre consigo. Por ocasião de assaltos, convém só atirar com a mira seguramente calculada. É aconselhável fazer detonações freqüentes em direção ao mato, e realizar caçadas e patrulhamentos por grupos de vizinhos, para amedrontar os bugres e dar-lhes a impressão de encontrar-se a população alerta e preparada contra os seus ataques.

2.º) — Armas do Império — Sobre a maneira dos pagamentos que serão realizados pelos pagadores da Tesouraria da Fazenda da Província de Santa Catarina.

De conformidade com as determinações baixadas pelo Governo Provincial, com relação aos pagamentos a serem efetuados, recomenda-se apresentar, nesta Direção, até fins de cada mês em curso, ou dia 5 do mês seguinte, as contas cuja cobrança se deseja fazer, para a devida inscrição nas relações e para serem conferidas, antes da sua apresentação ao respectivo pagador, por ocasião da sua presença nesta Colônia, mensalmente. Assim, por exemplo, para o pagamento que se deseja receber em julho, deverá a documentação ser

apresentada até fins de junho, com último prazo até 5 de julho. Todos os pedidos apresentados posteriormente a esta data, serão entregues ao pagador somente no mês seguinte, quando não estiver mais garantida a efetuação do pagamento, pois os orçamentos de receita e despesa são elaborados para cada mês, sendo exigida rigorosa distinção entre as respectivas datas. Retardatários, que vierem a sofrer contratempos e até prejuízos serão os únicos responsáveis por tais inconvenientes. Blumenau, junho de 1877. A Direção.

3.º — Sobre a conservação das estradas. A Direção desta Colônia leva ao conhecimento geral que, em consequência de recentes determinações e ordens do Governo Imperial, encontra-se impossibilitada de fazer despesas, como vinha fazendo até agora, com a conservação de estradas, mesmo nas regiões colonizadas há mais de dois anos. Excetuam-se, talvez, as obras de construção de pontes e boeiros, no caso que o governo venha a conceder as respectivas verbas especiais. A estrada de Oeste, principal via de comunicação da Colônia, por enquanto será mantida ainda na maneira habitual, sendo, porém necessário conforme exigência também das posturas municipais, maior zelo da parte dos moradores, no desempenho dos seus compromissos referentes às desobstruções dos córregos, limpeza de capim do leito da estrada e das valetas, dispensando também maiores cuidados às margens, impedindo a invasão do mato e eliminando os arbustos mais altos. Aos mesmos compromissos estão sujeitos todos os demais moradores da Colônia, que devem zelar ainda pelo bom escoamento das águas pluviais, impedindo, desta maneira, a formação de buracos no leito das estradas, tornando-se inevitável a queixa aos fiscais, sobre cidadãos descuidados e teimosos que, para prejuízo da coletividade, se furtam ao cumprimento destas determinações, para que lhe sejam aplicadas as penalidades previstas. Colônia Blumenau, junho de 1877. A Direção.



CARTAS DA GUANABARA

PÉROLAS BRASILEIRAS

Prof. Arnaldo S. THIAGO

Ciclos de intensa exploração das riquezas agrícolas e minerais do Brasil mostram-nos, através da História, o quanto contribuimos para o fausto e a grandeza dos países europeus, em detrimento dos mais sagrados interesses das populações autóctonas, em sua maior parte eliminadas, pois que insignificante é hoje em dia o contingente demográfico com que entram no cômputo da nossa população.

Notáveis foram os ciclos do açúcar, do ouro, do café, conquanto o mais importante de todos, pelo desenvolvimento das indústrias que suscitou, seja o atual ciclo do ferro, de cujo aproveitamento intensivo estão cada vez mais dependendo tôdas as fontes de produção do nosso país, especialmente a agricultura.

Esporadicamente, tem se tratado de outras riquezas minerais que, entretanto, influência alguma trazem à nossa balança econômica.

Não há muito tempo a opinião pública foi agitada pela imprensa com o noticiário referente a uma fabulosa fortuna encontrada por marujos brasileiros: tratava-se de importante quantidade de âmbar-gris que se afirmava ter vindo à praia, notícia que se verificou, afinal, ser im procedente. Mas a existência desse produto é registrada pelos mais antigos cronistas da nossa terra.

“Parece aumentar as riquezas da nossa América portuguesa, lhe lança o mar por muitas partes das suas costas o âmbar-gris mais pre-

zado e mais precioso. É tradição constante que a um dos primeiros homens que casaram na Bahia, se lhe deram quatro arrobas em dote, colhido nas suas praias, onde tem saído muito, e em mais quantidade se tem achado nas da ilha de Itaparica, porém com abundância maior na província do Ceará, cujos gentios o trocam com os portugueses por drogas de pouco preço e às vèzes lho dão sem interesse". (ROCHA PITTA: História da América Portuguesa, pgs. 31 e 32 da recente edição de Jackson, com prefácio e notas de Pedro Calmon).

Não é de âmbar-gris, entretanto, que desejamos tratar e sim de pérolas.

Colhidas nos ostruários da baía de Babitonga, em Santa Catarina, pudemos ver, em nosos tempos de rapaz, algumas pérolas de pequeno tamanho sendo negociadas entre um preto, conhecido pela autonomásia de Pernambuco e um cidadão inglês que, de quando em quando, aparecia em São Francisco do Sul, para realizar essas compras.

Lembrando-nos disso, realizamos, na Sociedade Brasileira de Geografia, logo nos primeiros tempos de nosa vinda para o Rio de Janeiro, uma conferência sôbre a existência dum certo número de pequenas pérolas, ou aljôfares, colhidas na baía de Babitonga e trazidas pelo Dr. Manoel da Nóbrega.

Mais tarde tratámos do assunto com o snr. Paulo Tacla, por intermédio de quem obtivemos parecer de técnicos japoneses na indústria de pérolas, a respeito da possibilidade de desenvolver em águas franciscanas a mesma indústria de pérolas cultivadas. Serviram de base aos exames feitos no Japão, diversas amostras de ostras mandadas vir da baía de Babitonga. Dêsses exames o resultado foi negativo, embora seja um fato a existência de moluscos perlíferos na referida baía. Esses moluscos, viemos mais tarde a saber, em que mais frequentemente se encontram os tais aljôfares, são os que proliferam nas margens pantanosas da Babitonga, chamados vulgarmente "bacucus" ou mariscos do mangue, embora as melhores pérolas que têm sido achadas na região, sejam produzidas pelas ostras prôpriamente ditas.

Rocha Pitta, na mesma página em que trata do âmbar-gris, também faz citação das pérolas. Diz êle: "Em muitas das províncias se colhem alguns aljôfares perfeitos e pérolas pretas. De uma somos testemunha, achada em uma ostra depois de assada; era de grandeza mais que mediana, em sumo grau esférica; de uma parte tinha perdido o lustre ao rigor do fogo, e da outra onde lhe não chegara, estava com a sua natural cor e formosura, tão brilhante como a mais preciosa margarita".

Prosseguindo, ainda informa um pouco mais adiante: "Muitas se colheram em diferentes tempos, e entre elas uma em excesso grande, também ofendida do fogo em que lhe fôra assada a concha, ficando-lhe as porções ilesas admiravelmente belas. É sem dúvida, que os naturais as fôssem buscar ao centro por interêsse, como as nações indianas orientais e ocidentais, logriariam a mesma rica pescaria; porém a gente do Brasil, por falta de ambição ou de atividade, das riquezas do mar colhe as que arroja, e não penetra as que esconde".

À página 35 da obra citada, Rocha Pitta volta a falar de pérolas: "Por entre êles e nos seus mesmos troncos e madeiros (refere-se às ár-

vores chamadas manguês), se acham as ostras eriripebas, que produzem aljôfares; mexilhões, ameijoas, breguigões, caramujos, unhas-de-velha, periguarís, sernambis, e uns mariscos compridos de feição de medianos búzios, onde se acham algumas vêzes as pérolas, que também se encontram nas ostras". Finalmente, à página 76, escreve o mais antigo historiador do Brasil: "O seu rio traz origem de uma lagoa de vinte léguas de circunferência, no qual se acham pérolas das melhores que se tem colhido no Brasil". O rio a que se refere, é o que banha a cidade de Natal, no Rio Grande do Norte.

O resultado negativo da análise a que se procedeu, no Japão, em ostras colhidas na baía de Babitonga, não nos devem levar ao abandono dessa possibilidade industrial que tanto contribui, noutros países, para o enriquecimento nacional: eis o móvel destas despreziosas considerações.

UM POUCO DE FOLCLORE

CRENDICES DO LITORAL

O povo simples do nosso litoral, especialmente entre Camboriú e São Francisco, guarda ainda muito das tradições das ilhas de onde vieram os primeiros povoadores civilizados das costas catarinenses.

Rezas, benzimentos, crendices são das superstições em que muita gente deposita ainda fé ilimitada. Daria, o coletá-los, para encher volumes. Igualmente a sua riqueza folclórica em cantigas, modinhas, desatios e danças de tôda sorte.

Já temos dado acolhida, nas páginas dêstes "Cadernos" a variadas e interessantes colaborações versando êsse tema.

Hoje, vamos registrar a seguinte, que nos enviou um amigo de Piçarras, onde são ainda bem vivas tais manifestações folclóricas:

Uma quadrinha muito conhecida:

"Eu queria ser a seda,
Depois da seda, o cetim,
Para andar de mão em mão
E as moças pegando em mim".

Como já foi assinalado em outras regiões do litoral, também em Piçarras se acredita na infalibilidade do processo do corte de dois brotos de bananeira para se saber de antemão quem ganhará uma eleição, uma corrida de cavalo, uma aposta qualquer. A prática consiste nisto: escolhe-se dois brotos de bananeira que estejam mais ou menos próximos e sejam, sem grande diferença, da mesma idade. Dá-se a cada um o nome de um dos candidatos, dos parceiros ou dos dono: as apostas e, na véspera do pleito, ou da corrida, à noite, decepam-se os dois brotos à determinada altura e, se possível, de um só golpe. No

dia seguinte, pela manhã, a parte central, o miolo dos brotos deve ter crescido alguns centímetros e o candidato, ou apostador, cujo broto correspondente tenha crescido mais, ganhará na certa.

Não custa o leitor experimentar a eficiência do processo nas próximas eleições. E vote, por cautela, no que vai ganhar...

—X—

Há rezadeiras que descobrem, facilmente, o autor de algum furto, com o seguinte expediente: Entregam à pessoa que lhes vai dar parte do crime, um pé de tamanco, para que o fique segurando, enquanto a rezadeira vai murmurando uma porção de orações. Nos intervalos destas, pergunta à pessoa que segura o tamanco:

— Foi fulano?

Fulanos são os de quem o participante suspeita tenha algum deles cometido o furto e que, antecipadamente, confidenciara à rezadeira.

Mais umas orações e nova pergunta:

— Foi fulano?

Se acontecer que a rezadeira mencione o verdadeiro culpado, o tamanco, por mais seguro que estiver nas mãos do denunciante, lhe cairá ao chão. Por mais força que fizer, não conseguirá segurá-lo.

—X—

O Belo, um pescador sabido e muito prático, me explicava, ontem, ao regressar, inesperadamente, de uma das suas pescarias diárias, e as indagações que eu lhe fizera do porquê dessa volta antes do tempo sem ter nem mesmo lançado os espinhéis.

— Olhe, meu amigo, os pedaços de pau que a gente encontra no mar, boiam sempre ao comprido, horizontalmente. Se você encontrar algum que esteja boiando verticalmente, com uma das pontas para cima, volte pra casa. É temporal feio, na certa!...

BLUMENAU EM CADERNOS

FUNDAÇÃO E DIREÇÃO DE J. FERREIRA DA SILVA

ÓRGÃO DESTINADO AO ESTUDO E DIVULGAÇÃO
DA HISTÓRIA DE SANTA CATARINA

ASSINATURAS: POR TOMO (12 numeros) CR.\$ 300,00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

BLUMENAU — STA. CATARINA — CAIXA POSTAL 425

A população de Blumenau vai prestar uma justa e merecida homenagem à memória do engenheiro Emílio Baumgart, célebre já pelos seus arrojados projetos de estruturas em cimento armado. Baumgart, construtor, no seu tempo, do mais alto edifício do mundo (o da "A Noite", no Rio de Janeiro) e de outros de ousada estrutura, projetou no mundo o nome do Brasil, como pioneiro das construções em cimento armado. Será, em breve, levantado num dos logradouros públicos da cidade, um busto em bronze do ilustre blumenauense. Solidarizando-nos com a iniciativa, esperamos que a população de Blumenau a apoie em toda a linha.



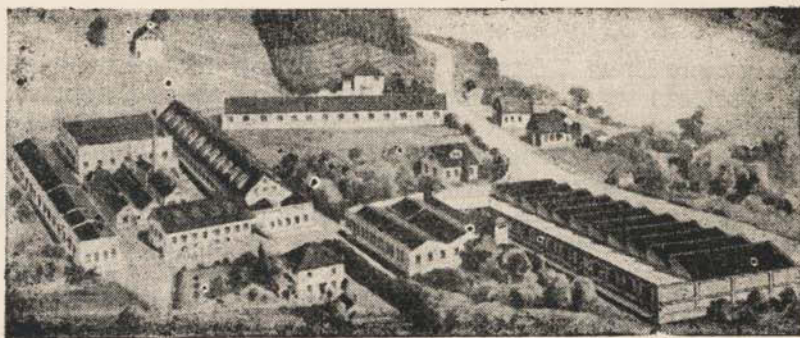
N artigo que Dona Cristiana Deeke Barreto publicou na página 114, do fascículo anterior, desta revista, foram feitas referências à "rua de Abrantes" como tendo sido a atual Rua Padre Jacobs. Retificando a passagem, aquela nossa colaboradora nos adianta que "chamava-se rua de Abrantes a rua que começa entre o Banco Nacional do Comércio e a Casa Moellmann e que, atualmente, se denomina Santo Antônio".



Como nos anos anteriores, também em 1964, realizou-se a já tradicional promoção da firma Prosdócimo, "a pesca ao robalo", no Itajaí Açú. Na fotografia, pescadores tentando levantar o prêmio prometido a quem fisesse o maior peixe.

TECELAGEM KUEHNRICH S. A.

FIAÇÃO - TINTURARIA - TECELAGEM - ESTAMPARIA - CONFECCÃO



ESPECIALIZADA EM :

Atoalhados — Guarnições para mesa
e adamascadas (Jacquard) — Xadrezes e estampados — Cortinas e artigos de fêlpa.

BLUMENAU — Santa Catarina

Caixa Postal N.º 59 — Telefone N.º 1347

End. Electr.: "KUEHNRICH" — Estação Itoupava-sêca.

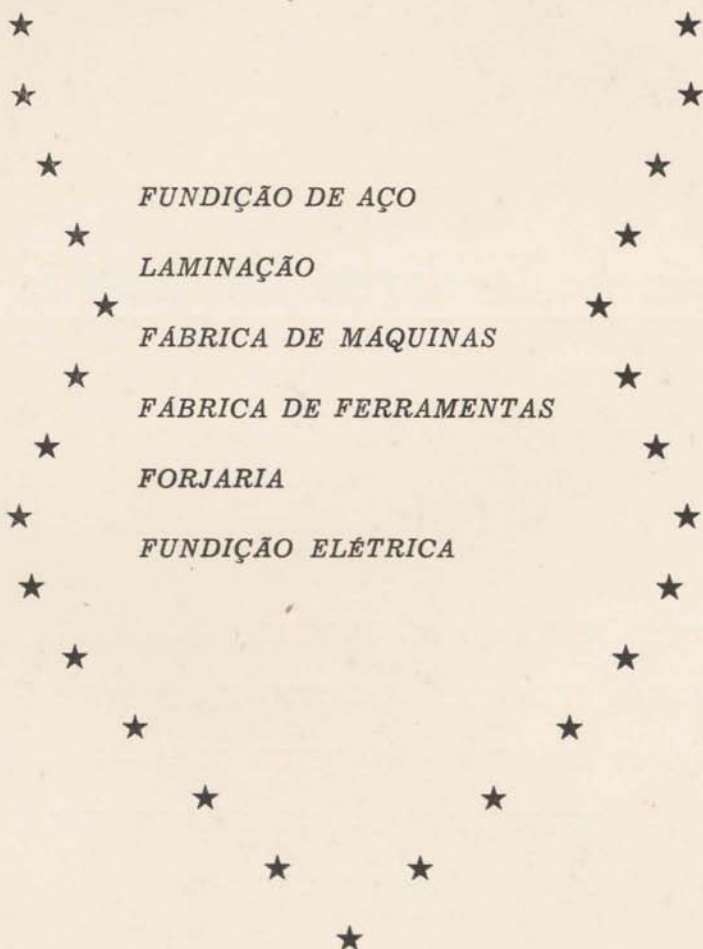
ELETRO--AÇO ALTONA S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fone: 1338

Caixa Postal, 30 Telegramas: ELAÇO

ITOUPAVA-SÊCA — BLUMENAU

SANTA CATARINA



Emprêsa Industrial Garcia S/A

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina

Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906/Garcia

Enderêço Telegráfico : "Garcia"

Caixa Postal N.º 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE
TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO
TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA — LEN-
ÇOS — ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS, CRE-
TONES E OUTROS TECIDOS